

---

---

# CADEIRA 4

## PATRONO

Pe. Joaquim Manuel de Siqueira

## OCUPANTES

D. Francisco de Aquino Corrêa

Padre Raimundo C. Pombo

Moreira da Cruz

Padre Firmo Pinto Duarte

Lucinda Nogueira Persona

---

---

# SESSÃO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

Cuiabá, 30 de setembro de 2014

**ABERTURA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DA ACADÊMICA  
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA, PELO PRESIDENTE DA  
ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, EDUARDO  
MAHON**

**DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCINDA  
NOGUEIRA PERSONA, PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL  
NADAF**

**DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA  
NOGUEIRA PERSONA**

---

---

## DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA, PROFERIDO PELA ACADÊMICA YASMIN JAMIL NADAF



### LUCINDA PERSONA: LINGUAGEM DE POESIA

O escritor afegão, exilado nos Estados Unidos, Khaled Hosseini, em um dos seus belos e comoventes romances que correm o mundo em vários idiomas, na atualidade, diz que “se a cultura é uma casa, a linguagem é a chave da porta que conduz a todos os quartos interiores”. Sem isso, segue ele dizendo: “acabamos sem rumo, sem uma casa adequada, sem uma identidade legítima”.<sup>1</sup>

Desse modo, Lucinda, você é um presente para esta Academia Mato-grossense de Letras, porque você é mais uma chave para abrir os quartos interiores deste Casarão. Você é linguagem. Linguagem literária.

Uma linguagem que eu tive o prazer de conhecer por intermédio do texto “Carta para Cuiabá”, uma crônica de sua autoria impressa no jornal “Diário de Cuiabá”, em abril de 1993, por ocasião do aniversário da cidade. Nessa crônica-carta, protagonizando uma das quatro estátuas plantadas na praça da República – o verão – você nos fotografava Cuiabá: uma cidade, no seu dizer, “transformada, transtornada, expandida em bairros e favelas”. Paralelamente, nesse texto, você gravava o seu profundo amor a esta terra, e a sua incessante luta para nela “reter o perfume das mangas e pequis”.<sup>2</sup>

Nas linhas conclusivas do relato sensível de sua estátua-verão me senti fisgada por sua estética intimista, muito próxima de uma canção melancólica; e, sob o meu olhar de crítica literária suas palavras metaforizadas eram o prenúncio de uma pena singular.

E o futuro próximo me mostrou o quanto o meu prenúncio era certo.

A tempo: quem mora em Cuiabá sabe que na praça da República existem quatro estátuas representando as quatro estações climáticas do ano: a primavera, o verão, o outono e o inverno. E Lucinda, sabiamente, escolheu a que ocupa a maior parte do ano esta terra, o verão, para fazer o seu relato.

Nos anos seguintes, novas crônicas desta escritora sobre Cuiabá surgiram em ocasião similar. Todas elas falavam do seu afeto pela cidade, e da sua inquietação com as transformações urbanísticas e socioculturais pelas quais a cidade se via enredada. A diferença é que quando essas crônicas foram publicadas, eu já conhecia Lucinda, a pessoa. A oportunidade de nos vermos frente a frente surgiu quando lancei o meu livro *Sob o signo de uma flor. Estudo da revista “A Violeta”*, em março de 1994. Na fila dos autógrafos, um nome no marcador do livro: Lucinda. Ergui a minha face surpresa, e ao mesmo tempo feliz, e indaguei: “Você é a autora do artigo “Carta para Cuiabá”? A resposta foi um delicado e tímido “Sim”.

<sup>1</sup> HOSSEINI, Khaled. *O silêncio das montanhas*. São Paulo: Globo, 2013. p.314.

<sup>2</sup> PERSONA, Lucinda. “Carta para Cuiabá”. Cuiabá: *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, 14 abr. 1993. p. 29. Caderno DC Ilustrado.

Daquela data em diante uma amizade selou-se entre nós; uma amizade que não se restringiu a diálogos literários, a troca de livros, e a visitas e participações em eventos de leitura e de literatura. Tornamo-nos, pode-se dizer, duas irmãs no sentido lato da vida, pois as afinidades mostravam-se superiores às nossas diferenças psíquicas.

Como muitos perceberam estou recorrendo aos vastos palácios da memória, de que nos ensinou Santo Agostinho em sua obra *Confissões*<sup>3</sup>, para convocar as lembranças do meu primeiro contato com a escrita e com a autora. Pondo em prática as lições do mestre filósofo, as lembranças me vieram de imediato, e outras, por certo vieram na sequência, muitas das quais me ocuparei a seguir para corresponder à tarefa de apresentar a vida e a obra da agora acadêmica Lucinda Persona.

Não foi sem razão que no citado livro, o Bispo de Hipona, dissertando ainda sobre a memória, falou:

“Viajam os homens para admirar as alturas dos montes, as grandes ondas do mar, as largas correntes dos rios, a imensidão do oceano, a órbita dos astros, e se esquecem de si mesmos”.<sup>4</sup>

Se depender desta Casa, Lucinda, a partir desta data você e sua obra não serão jamais esquecidas: ambas já elencam com justiça e mérito a galeria dos imortais. Aadeira n.4 fora a escolhida por você, referendada por seus pares. Antes de sua chegada ela foi ocupada pelos escritores Dom Francisco de Aquino Corrêa, Padre Raimundo Pombo, e Padre Firmo Pinto Duarte tendo como Patrono o Padre José Manuel de Siqueira. A respeito deles não me ocuparei neste ritual porque hoje o meu papel é de recebê-la, apresentá-la a esta Casa e a este público. Ocupação que me limito a obedecer.

Lucinda Persona<sup>5</sup> nasceu em Arapongas, no Paraná, em 11 de março de 1947, e reside em Cuiabá, Mato Grosso, desde o ano de 1965. Nesta cidade, casou-se com Walter Persona em **30 de dezembro de 1970**. Ela é bióloga, mestre em Histologia e Embriologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e atuou como professora na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e na Universidade de Cuiabá (Unic).

No período de 1995 a 2009 publicou os livros de poesia *Por imenso gosto*, *Ser cotidiano*, *Sopa escaldante*, *Leito de acaso*, e *Tempo comum*. *Por imenso gosto* e *Sopa escal-*

3 SANTO AGOSTINHO. “O milagre da memória”. In: \_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 218-220.

4 Idem, ibidem.

5 BIBLIOGRAFIA de Lucinda Persona: *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995; *Ele era de outro mundo*. Cuiabá: Tempo Presente, 1997; *Ser cotidiano*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998; *A cidade sem sol*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2000; *Sopa escaldante*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001; *Leito de acaso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004; e *Tempo comum*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. Antologia: *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. Contos. São Paulo: Via Lettera, 2002; *Fragmentos da alma mato-grossense*. Poemas e Contos. Cuiabá: Entrelinhas, 2003; e *Cada canto tem um conto*. Contos. Rio de Janeiro: Sobreletras, 2004.

*dante* foram premiados em âmbito nacional, com o Prêmio Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores (UBE).

Lucinda também publicou crônicas, contos e resenhas literárias em jornais da capital de Mato Grosso, e enveredou pelo gênero infanto-juvenil assinando os títulos *Ele era de outro mundo*, em 1997, e *A cidade sem sol*, em 2000. De sua estreia nas letras à atualidade participou de várias antologias nacionais, contribuindo com escritos em prosa e poesia.

Na prosa, ela apresenta uma estética refinada. Como cronista, busca no *fait divers* o alimento para os seus textos, e como decorrência neles desfilam uma multiplicidade de assuntos que se estendem dos acontecimentos diários ou das suas impressões pessoais sobre algo observado a comentários de obras lidas, expostos ora num estilo mais seco e direto, como requer a crônica companheira do editorial, ora mais metafórico, como sugere a crônica amiga da literatura.

E, como contista, conhece os mistérios da arte do conto com presteza. A eles confere muita beleza de linguagem e verticalidade temática; uma leve melancolia, musicada, que rompe da narrativa para falar do ser e da vida: seus mistérios, sua simplicidade complexa, o silêncio (necessário, e prejudicial), enfim, o cotidiano. São relatos breves onde o inusitado se amplia à medida que a narrativa cresce, e quando ela se encerra deixa no leitor uma espécie de saudade do texto lido.

Diga-se, a propósito, que há muito eu tenho cobrado de Lucinda uma seleção de suas crônicas e de seus contos, em livro.

Por sua poesia estar impressa em cinco dos seus sete livros (citamos que dois deles situam-se na linha infanto-juvenil), é a poesia que acaba por torná-la visível como escritora deixando a cronista e a contista num lugar ainda tímido, mas, volto a insistir, que merecem a oportunidade de semelhante destaque.

E, por estar a sua poética em lugar de apogeu é à poeta que recorreremos para colaborar nesta recepção.

Em 1995, ao apresentar um panorama da *Literatura mato-grossense de autoria feminina*, em um evento da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, gravei sobre os seus versos as seguintes palavras:

Sua poética é simultaneamente intimista e existencialista, tanto na expressão de seu conteúdo, que é uma demonstração do mundo e do ser dentro dele, como na técnica de compor.

Sobre o seu fazer poético, chamamos atenção para a incessante busca dos elementos triviais, comuns ao cotidiano da autora, entre eles objetos, flores, legumes e animais (na maioria das vezes insetos e moluscos), para a exposição de sua complexa visão de um mundo também complexo. É através do “corriqueiro” que a autora fala e interroga sobre a vida vazia, a solidão, a ausência do ser, e o cotidiano monótono e reiterativo, sem transformações, ao mesmo tempo em que desperta a atenção do leitor

para a observação daquilo que está ao seu redor, completando ou esvaziando o seu dia a dia, e que ele, por vezes, julga sem importância.<sup>6</sup>

Todavia, é justo lembrarmos que foi a escritora e acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, quem primeiro teve o privilégio de ler a poesia de Lucinda e discorrer sobre ela na orelha do seu livro *Por imenso gosto*.

De sua análise profunda e bem apurada colhemos um fragmento:

Ao buscar no centro da simplicidade o coração da poesia, a pesquisadora-poeta [Lucinda] faz pulsar uma esquina, encontra as vozes do vento, percebe o encanto da formiga, estuda a forma vital de um calendário, saboreia poeticamente um pepino; construindo de um quase nada o arcabouço poético de tudo. Eis aí o encontro da vida com a arte. Presenciando a face descarnada do cotidiano ela vai apontando o extremo amor pela integralidade vital. Em Lucinda, é preciso dizer que a poesia é o tecido multifacetado da vida, ou que a vida só é autêntica se estiver centrada na poesia.<sup>7</sup>

Na oportunidade, a crítica de Marília Beatriz compartilhou de outro olhar crítico, da conceituada e muito lida escritora brasileira Olga Savary, que no prefácio do mesmo livro, com propriedade afirmou:

A criadora de *Por imenso gosto* tem como qualidades essenciais sensibilidade, sutileza e poder com as palavras. [...] Há mistério neste fazer poético. [...] Há também inquietude, mutabilidade e emoção represada, porém genuína, assim como o sentimento que a inspirou.<sup>8</sup>

Com as considerações críticas favoráveis de ambas – Marília Beatriz e Olga Savary – abria-se um caminho sem volta a favor da poesia de Persona. E, à medida que a poeta nos presenteava com novos livros, era ela igualmente presenteadada com comentários receptivos a respeito de sua produção.

Deles nos ocuparemos um pouco mais adiante, porque é chegada a hora de apresentarmos um “petisco” da excelência de sua poesia.

Do livro primogênito, *Por imenso gosto*, colhemos:

### ESPALHO SAL

sobre as rodela de pepino  
Um detalhe nada suntuoso  
e  
dentro do presumível  
ponho uma pitada  
na ponta da língua....

6 NADAF, Yasmin Jamil. Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX. In: *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, p.481. Este ensaio foi posteriormente ampliado e publicado no livro de nossa autoria *Presença de mulher. Ensaios*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004. p.91-129.

7 LEITE, Marília Beatriz de Figueiredo. Orelha do livro *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

8 SAVARY, Olga. Prefácio. *Por imenso gosto*. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

Nasce um rio  
que se avoluma até o céu  
Destes ensombros refunde  
o que é inevitável  
Tudo se passa como se fosse poesia. (p.47)

Do conhecimento sólido do cotidiano à transformação metafórica sensata de Lucinda, uma fruta como o figo, por exemplo, pode ocupar o lugar de protagonista em seu fazer poético.

Observem essa tese no poema **ESQUARTEJEI UM FIGO**, do livro *Leito do Acaso*.

Por volta das seis da tarde  
tudo acontecendo por si  
esquartejei um figo  
(que até então estivera flutuando na calda)

É nítida a diferença  
entre alguns sentimentos

As felicidades (dulcíssimas)  
também flutuam  
fazem o contrário  
do que é comum às aflições  
as aflições se arrastam

Muitas vezes me animo  
à simples apresentação  
das coisas simples  
como quem (de repente)  
acorda para a vida. (p. 59)

Do gesto trivial de esquartejar um figo e, nesse ato, refletir sobre as aflições individuais do ser e da vida, é visível o engajamento da autora a um dos mais gritantes problemas sociais: a fome, que, no citado livro, rompe de forma inteligente.

Para o manejo de um assunto deste destaque, a autora recorreu a uma estética de pseudossuavidade. Mas, vejam bem, eu disse “pseudo”, pois enganam-se aqueles que pensam que a sua poesia não se ocupa dos problemas sociais. O que ocorre, neste caso, é que o labor literário subverte a linguagem comumente ácida, contundente, ou de alarde a respeito das angústias sociais do nosso planeta.

Veja-se como esse fenômeno se dá no poema **REPARTIR O AÇÚCAR**

Não troco  
o movimento organizado  
das formigas  
por qualquer outro de maior liberdade  
A meta da procissão é bem clara

vai atrás do que precisa  
a metros de distância

(lugar que em mim é um pouco mais longe)

Sem pensar em mais nada  
acompanho com redobrada frequência  
o fluxo de difícil contabilidade  
lento como engarrafamento (ou funeral)

O que não se mede pela visão  
deixo sem nome  
mas espalho na terra e adoro  
porque é o Senhor  
que trabalha no meu destino  
e me ensina a repartir o açúcar  
com quem tem fome. (p.17)

Com estes versos, faço uma pequena pausa em seu tecido poético, para retomar ao volteio em torno da recepção à sua obra, lembrando que são poucos os escritores de/e em Mato Grosso contemplados com leituras rigorosas e vigorosas procedentes da crítica nacional.

Confesso a minha dificuldade na escolha desses ditos que brotam com fartura do acervo de sua fortuna crítica. Porém, como os cronogramas de ocasiões como esta não favorecem maiores incursões, tive que me contentar em selecionar dois deles, que seguem.

Marina Colasanti, autora nacional de talento irrefutável, em referência ao livro *Ser cotidiano* afirma-nos que:

*É preciso uma mulher para saber que legumes são poesia. E que tudo se guarda em caixas, nem que sejam as da memória. No cotidiano as mulheres ouvem claro o gotejar da vida.*

Ao fim do seu parecer, ela manifesta seu gosto em “caminhar nesses espaços domésticos da alma” personiana.<sup>9</sup>

Já o consagrado estudioso da literatura José Castello, em laborioso artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 2005, preferiu apostar nas filiações de Lucinda com seus pares.

De um lado, ele afirma que a poeta é

---

<sup>9</sup> Marina Colasanti em carta para Lucinda Persona por ocasião da leitura de *Ser cotidiano*, em 15 de março de 1999.

*[...] descendente direta da mineira Adélia Prado, com quem compartilha o gosto pela metafísica, o apego aos resíduos do cotidiano e, sobretudo, uma aposta na grandeza das pequenas coisas.*

De outro, ele diz:

*Também está nesse gosto pelas miudezas o traço que distingue a segunda filiação, agora a um mato-grossense, só que do sul, o poeta Manoel de Barros. Como ele, Lucinda prefere emprestar sua atenção aos murmúrios do ser, à fragilidade dos animais, aos grandes espaços em branco – o tédio, a introspecção, a preguiça – que parecem preencher intervalos, quando na verdade sustentam a existência humana.*

Por fim, ainda aposta em uma terceira comparação

*Na trilha de Clarice Lispector, outra referência inevitável, assim como Pessoa, Drummond e Baudelaire, Lucinda Persona se atém à força do instante. Instante que estará sempre cercado, estofado, pela monotonia e pela repetição, elementos que, assim, se revelam como a verdadeira matéria da vida.<sup>10</sup>*

Aos comentários de natureza crítica procedentes de outras terras somamos a atenção recorrente a que vem merecendo a poesia de Persona no âmbito das universidades. Vamos a ela:

Dos inúmeros ensaios publicados em revistas acadêmicas analisando a sua escrita – tarefa neste ato impossível de enumeração –, eu pularei para as dissertações de Mestrado e Doutorado.

Para quem desconhece, a obra de Lucinda tem sido objeto central de estudos de natureza científica. Cito, para ilustrar, as dissertações “A metapoesia em Sophia Andresen e Lucinda Persona: aproximações literárias”, de Adalgisa Gonçalves Fortes, defendida em 2006; “Lucinda Persona: imaginário poético”, de Veranildes Silva, defendida em 2009; e “Poesia em tela: Lucinda Persona”, de Renato Cardoso de Moraes, defendida em 2011. Todas essas dissertações foram defendidas na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Mais recentemente, a sua poética foi assunto de duas teses de doutorado, um lugar de honra, a meu ver, consagrado à obra de um autor ou de uma autora.

A primeira delas é assinada pela escritora, professora de literatura e acadêmica eleita (que em outubro tomará posse) Marta Helena Cocco, e se intitulada “Poesia e mitocrítica: sob a tirania da finitude, a pulsão da vida na palavra poética de Lucinda Persona”. A citada tese foi defendida na Universidade Federal de Goiás (UFGO), em 2012, tendo como núcleo incandescente uma questão que ela considera crucial na poética da autora: “a finitude da matéria pela ação do tempo.”

---

<sup>10</sup> CASTELLO, José. Um novo horizonte no gosto pelas miudezas. In: *O Estado de São Paulo*, de 27/02/2005.



Entre as novas e profundas possibilidades de leitura no *corpus* em questão, Marta nos ofereceu está assertiva:

*A poesia de Lucinda Persona, cuja ação imaginante é movida, principalmente, pelo mitologema vida e morte, começa a ser engendrada pelos gestos de descida às intimidades e, depois, de sacralização e celebração do espaço-tempo.*

E ao final de sua instigante análise, concluiu que:

*[...] o próprio poema se constitui no abrigo, no lugar preferencial do eu lírico, onde as dores podem ser repartidas, bem como a alegria pelo diálogo, pelo convívio e pela perpetuação. A palavra, na poética de Lucinda, mesmo que expresse a morte, é o lugar da vida. É onde a vida sempre pode principiar.<sup>11</sup>*

No ano seguinte, em 2013, foi a vez da professora de literatura e também poeta Marli Terezinha Walker defender a tese “Entre vários amores: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso”, na Universidade de Brasília (UnB). Centrando seu olhar sobre o amor em suas várias vertentes, como sugere o título de sua tese, ela se ocupa de um conjunto de autoras mato-grossenses, para pensar os conceitos do amor e a mulher, no Brasil e, em especial, em Mato Grosso.

No minucioso capítulo destinado à obra de Persona, Marli selou, com propriedade e de modo definitivo, que na lírica da autora

*A repetição dos temas manifesta a relação que o eu lírico estabelece com o ato criador, no sentido mesmo de criar, dar à luz. Para este sujeito-de-enunciação lírico, criar é o único modo pelo qual é possível recriar o universo circundante e nele, e com ele, o amor, vencendo a condição de finitude e incompletude, aquela angústia do futuro, à qual se refere [Octavio] Paz quando fala da lírica moderna e pós-moderna, porquanto os enunciados líricos de Lucinda Persona denunciam a “busca de um outro tempo, o tempo verdadeiro”.<sup>12</sup>*

As reflexões ofertadas pelas jovens doutoras Marta Cocco e Marli Walker à poesia de Lucinda reafirmam o que tentamos anunciar ao longo do nosso Discurso: do quanto é múltipla e farta a matéria da qual são feitos os seus versos.

Uma poesia que pela fé como é exposta alçou e alça voos para além do literário e se converteu e se converte em generosa seara pronta a ser servida e sorvida porque a literatura, a boa literatura, costuma ser um presente aos que cercam a quem escreve, e mesmo aos que estão distantes e a compartilham conosco de um lugar comum. A boa literatura deve ser deleite e reflexão para a vida porque ela humaniza, abraça, aconche-

11 COCCO, Marta Helena. “Poesia e mitocrítica: sob a tirania da finitude, a pulsão da vida na palavra poética de Lucinda Persona”. Goiânia: Tese Doutorado/UFGO, 2012. Mimeo.

12 WALKER, Marli. “Entre vários amores: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso”. Brasília: Tese de Doutorado-UnB, 2013. Mimeo.

ga, sorri, como também faz chorar. A boa literatura precisa corresponder a tudo aquilo de que é feita ou de como deveria ser feita a vida de todos nós. No oposto, que serventia teria a palavra estética?! A linguagem literária existe para tocar a nossa alma e a nossa razão. Para tentar, num labor contínuo, cavar os abismos dos homens e das mulheres, e vencer do mundo real relações mais dignas a esses mesmos homens e mulheres, derrubando as desigualdades e as fronteiras socioculturais.

Incontestavelmente, Lucinda, pelo exposto nesta oportunidade, a sua poética responde com clareza a esses objetivos.

§§§

Senhoras e Senhores.

Para a abertura da minha exposição, recorri às palavras sedutoras de Khaled Hosseini, nomeado escritor afegão, e, para encerrar, irei navegar nos sábios ensinamentos do poeta grego de Alexandria, Konstantinos Kaváfis.

Ouçamo-lo:

**Se** partires um dia rumo a Ítaca,  
faz votos de que o caminho seja longo,  
repleto de aventuras, repleto de saber.  
Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o colérico Posídon te intimidem;  
eles no teu caminho jamais encontrarás  
se altivo for teu pensamento, se sutil  
emoção teu corpo e teu espírito tocar.  
Nem Lestrigões nem os Ciclopes  
nem o bravo Posídon hás de ver,  
se tu mesmo não os leares dentro da alma,  
se tua alma não os puser diante de ti.

**Faz** votos de que o caminho seja longo.  
Numerosas serão as manhãs de verão  
nas quais, com que prazer, com que alegria,  
tu hás de entrar pela primeira vez um porto  
para correr as lojas dos fenícios  
e belas mercancias adquirir:  
madrepérolas, corais, âmbar, ébanos,  
e perfumes sensuais de toda espécie,  
quanto houver de aromas deleitosos.  
A muitas cidades do Egito peregrina  
para aprender, para aprender dos doutos.

**Tem** todo o tempo Ítaca na mente.  
Estás predestinado a ali chegar.

Mas não apresses a viagem nunca.  
 Melhor muitos anos levars de jornada  
 e fundeares na ilha velho enfim,  
 rico de quanto ganhaste no caminho,  
 sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
 Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
 Sem ela não te ponhas a caminho.  
 Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

**Ítaca** não te iludiu, se a achas pobre.  
 Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,  
 E agora sabes o que significam Ítacas.<sup>13</sup>

Vejam que não foi sem razão a escolha deste poema para o fecho de minhas palavras. No que nele diz respeito à Academia Mato-grossense de Letras não há que se discordar que ela é um sinônimo da Ítaca de que nos fala o poeta, pois ela é a guardiã oficial do depositório da escrita de nossa abençoada terra de Mato Grosso.

E no que concerne à nova acadêmica, eu bem sei, Lucinda, que você não está em idade avançada – como aconselha Kaváfis ao seu interlocutor – para aqui aportar. Pelo contrário: a linguagem literária não tem idade, sobremodo não envelhece. Mas é justo afirmarmos que estamos te esperando há anos nesta Casa e a cultura mato-grossense, pacientemente, também.

Seja, portanto, muito bem-vinda, LUCINDA PERSONA!

Cuiabá, 30 de setembro de 2014.

---

<sup>13</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p.118-119. Ítaca, como muitos de nós sabemos, é o nome da ilha sobre a qual reinava Ulisses, um dos heróis do cerco de Tróia cujo aventuroso regresso à sua ilha pátria constitui a matéria narrada na *Odisséia*. Neste poema, seu autor faz uma alusão da viagem do herói Ulisses em retorno a Ítaca, como uma viagem de aprendizado, de aquisição de experiência e sabedoria.